



A INDÚSTRIA DAS DROGAS NO RIO DE JANEIRO



Riley Rodrigues de Oliveira, MSc

MC2R INTELIGÊNCIA ESTRATÉGICA

05/01/2018



A INDÚSTRIA DAS DROGAS NO RIO DE JANEIRO

AUTOR

RILEY RODRIGUES DE OLIVEIRA - DIRETOR-PRESIDENTE

Economista, diplomado em Gestão Estratégica para Dirigentes Empresariais pelo INSEAD – França, mestre em Engenharia de Produção (Análise de Projetos Industriais e Tecnológicos) pela COPPE/UFRJ, diplomado em Logística Empresarial pelo COPPEAD/UFRJ. É pesquisador do grupo de pesquisa GETEMA/COPPE/UFRJ, integrante do *Global Leaders Panel – Economist Intelligence Unit*.

Foi gerente de Estudos de Infraestrutura da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, onde foi autor de estudos como ***O impacto econômico do roubo de cargas no estado do Rio de Janeiro, O impacto do roubo de cargas no Brasil, Propostas para combater a criminalidade no Rio de Janeiro, O custo econômico do crime e da violência no Brasil, Contribuições operacionais ao plano de segurança no Rio de Janeiro, Ganhos com o Cinturão de Segurança Rodoviária Integrado, Comparação entre cidades que se recuperaram do domínio do crime e o caso do Rio de Janeiro***, dentre outros.

Atuou como consultor da Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Defesa e Segurança e do Sindicato Nacional da Indústria de Materiais de Defesa na estruturação das propostas brasileiras para o II Diálogo da Indústria de Defesa Brasil - EUA, realizado em Washington, em outubro de 2017.

Pesquisador com artigos, notas técnicas e livros publicados.

MC2R INTELIGÊNCIA ESTRATÉGICA

TELEFONE: + 55 21 99607-3012 (whatsapp)

E-MAIL: info@mc2r.net

LINKEDIN: [linkedin.com/in/mc2r-inteligência-estratégica](https://www.linkedin.com/in/mc2r-inteligência-estratégica)

FACEBOOK: [facebook.com/Mc2R123](https://www.facebook.com/Mc2R123)

TWITTER: twitter.com/MC2R2



A INDÚSTRIA DAS DROGAS NO RIO DE JANEIRO

Essa Nota Técnica tem por objetivo dimensionar o tamanho da indústria das drogas no estado do Rio de Janeiro. Para realizar esse trabalho adotou-se estimativas a partir de informações sobre apreensão de drogas no estado, especificamente maconha, cocaína e crack, de pesquisas acerca dos preços da droga no atacado e no varejo e de análises acerca da relação entre o volume apreendido e o volume em circulação. Também foram consideradas outras atividades criminosas exploradas de forma complementar pelos narcotraficantes, como o roubo de cargas, venda de produtos roubados, exploração ilegal de serviços como TV a cabo, Internet e venda de botijão de gás, notadamente nas comunidades.

Outra análise se refere ao valor do arsenal do narcotráfico, em especial na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Analisamos ainda o valor das operações da indústria das drogas, como estimativas sobre a força de trabalho envolvida nas atividades controladas pelo narcotráfico e a "massa salarial" referente. Com esses dados foi possível inferir o valor da indústria das drogas no estado do Rio de Janeiro.

Os valores relacionados à indústria das drogas puderam ser levantados graças à existência de uma extensa bibliografia nacional e internacional sobre volume movimentado, bem como sobre o arsenal dos narcotraficantes, as ações de roubo de cargas e venda de produtos roubados. A existência de dados, embora fragmentados, permitiu estabelecer um valor próximo do que se acredita seja a realidade do narcotráfico no Rio de Janeiro.

Destaca-se que a indústria das drogas é uma das principais razões da violência no Brasil e, em especial, Rio de Janeiro. Por isso, um combate efetivo às drogas se traduz em melhoria da segurança pública. Outro fator importante a se destacar é que a indústria das drogas é responsável diretamente pela perda de poder do Estado sobre milhares de áreas no estado do Rio de Janeiro, da capital às menores cidades, onde a força e a violência do tráfico dita as regras sociais, estabelecendo direta ou indiretamente (devido aos constantes conflitos



armados entre narcotraficantes e com as forças de segurança) as regras de funcionamento de comércio, escolas, serviços públicos e restrições ao direito de ir e vir.

Destaca-se que, além do comércio das drogas, os narcotraficantes diversificaram suas atividades, incluindo o controle do fornecimento de bens essenciais nas áreas dominadas, como gás de cozinha, serviços como internet e TV a cabo (com ligações clandestinas), roubo de cargas e comercialização do produto roubado. Nesse último caso existem três processos distintos para a destinação das cargas roubadas:

1. vendedores ambulantes que atuam nas ruas, em trens, ônibus e metrô e em feiras clandestinas, onde cargas de pequeno volume e preço, de fácil comercialização, são vendidas por distribuidores ligados aos narcotraficantes;
2. estabelecimentos comerciais "regulares", que fazem a recepção e venda desses produtos (havendo uma rede de estabelecimentos que encomendam as cargas aos narcotraficantes);
3. estabelecimentos nas áreas dominadas pelo narcotráfico, onde os comerciantes são obrigados a comercializar os produtos e repassar o resultado, além de terem de pagar uma taxa de segurança.

Nos últimos quatro anos o roubo de cargas se tornou uma das principais fontes de financiamento do narcotráfico no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro. Por isso deve entrar na conta dos recursos que sustentam a indústria das drogas. Estudo publicado em dezembro pela MC2R Inteligência Estratégica¹ mostrou que o roubo de cargas no Rio de Janeiro gerou para o narcotráfico em 2017, apenas em cargas roubadas (estimativas) R\$ 837,7 milhões. De 2013 a 2017 o roubo de cargas gerou para o narcotráfico um total de R\$ 2,5 bilhões.

No caso do controle de serviços de segurança, aluguel e comercialização de imóveis (muitas vezes através da expulsão e assassinato dos reais proprietários), venda de gás de cozinha, cestas básicas, acesso a internet e TV a cabo, dentre outros, existem no estado do Rio de

¹ **ROUBO DE CARGAS NO RIO DE JANEIRO**, acessível em <file:///C:/Users/user/Downloads/roubodecargasnoriodejaneiro-jannov2017-171215155518.pdf>



Janeiro 843 áreas dominadas pelo narcotráfico. Apenas na cidade do Rio de Janeiro essas áreas abrigam dois milhões de pessoas. As estimativas indicam que esses negócios, considerando o preço cobrado pelos serviços e a taxa de segurança, rendam para os narcotraficantes próximo de R\$ 400 milhões por ano. Com o controle territorial o narcotráfico acumula uma série de economias de escopo, processo no qual o uso da violência é a forma encontrada para manter o controle territorial e forçar a população a, muitas vezes, agir contra as forças de segurança, especialmente em casos de invasão desses territórios pela polícia.

Em relação à indústria das drogas, considerando os dados de apreensões no estado e as estimativas de volume circulante (elaboradas pela MC2R Inteligência Estratégica com base em informações das polícias civil, militar, rodoviária e federal), verifica-se, que as apreensões são consideradas "perdas comerciais" pelos narcotraficantes e representam, no máximo 5% do volume que circula no estado. Segundo o levantamento, entre 2010 e 2017 as apreensões totalizaram 150 toneladas de drogas ante um volume circulante de 1.219 toneladas.

Massa apreendida e em circulação no estado do Rio de Janeiro						
Ano	Maconha (kg)	volume circulando	Cocaína (kg)	volume circulando	Crack (kg)	volume circulando
2010	42.392	169.568	957	9.092	288	2.736
2011	10.036	98.353	903	8.579	207	1.967
2012	5.208	51.038	1.330	12.635	268	2.546
2013	7.212	70.678	1.611	15.305	185	1.758
2014	14.568	142.766	1.668	15.846	279	2.651
2015	22.089	216.472	2.323	22.069	298	2.831
2016	16.254	159.289	2.432	23.102	238	2.257
2017	16.000	156.798	2.975	28.263	235	2.230
2010 - 2017	133.759	1.064.962	14.199	134.889	1.997	18.975

Fonte: Elaboração MC2R Inteligência Estratégica com base em informações da Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro

Esse volume de drogas movimentou R\$ 9,3 bilhões no período, sendo que o lucro dos narcotraficantes ficou em R\$ 8,5 bilhões. Isso representa um lucro semanal de R\$ 23,3 milhões ou R\$ 3,3 milhões por dia. O custo da indústria das drogas, além da perda com as apreensões, se refere ao valor de compra da mercadoria e o preparo (em especial da cocaína, com o refino e a mistura para aumentar o volume a ser revendido ao cliente final). O "salário" pago aos vapores e soldados responsáveis pelo controle os pontos de venda atualmente são custeados



por outras atividades, como o roubo de cargas e a comercialização de serviços nos territórios controlados.

A cocaína é a mercadoria que garante o maior retorno para a indústria das drogas no Rio de Janeiro. De 2010 a 2017 o lucro obtido pelos narcotraficantes foi superior a R\$ 8,6 bilhões, média de R\$ 3,2 milhões por dia. Nesse período as estimativas indicam que circularam no estado quase 135 toneladas de cocaína, além das 14,2 toneladas apreendidas.

Para reduzir o custo do processo e aumentar a margem de lucro, os narcotraficantes estão investindo cada vez mais em tecnologia, com a construção de sofisticados laboratórios de refino nas comunidades. Um exemplo desse processo foi a localização, na Rocinha, do primeiro laboratório de refino de cocaína em uma favela dominada pelo tráfico. O laboratório tinha capacidade de refinar até 750 quilos por mês. Também foi localizado, em Niterói, uma sofisticada estrutura para o cultivo e industrialização de maconha. Segundo informações da polícia, os principais laboratórios de crack do Rio de Janeiro ficam no Jacarezinho, Alemão, Maré, Manguinhos, Macacos, Mangueira, Rocinha, Santo Amaro e São Carlos.

Cocaína - Massa circulando (volume e valor - R\$ 1)						
Ano	(kg)	Custo anual	Retorno anual do Produto final	Lucro anual do produto final	Lucro semanal	
2010	9.092	R\$ 37.435.588,24	R\$ 581.856.000,00	R\$ 544.420.411,76	R\$ 10.469.623,30	
2011	8.579	R\$ 35.323.235,29	R\$ 549.024.000,00	R\$ 513.700.764,71	R\$ 9.878.860,86	
2012	12.635	R\$ 52.026.470,59	R\$ 808.640.000,00	R\$ 756.613.529,41	R\$ 14.550.260,18	
2013	15.305	R\$ 63.018.529,41	R\$ 979.488.000,00	R\$ 916.469.470,59	R\$ 17.624.412,90	
2014	15.846	R\$ 65.248.235,29	R\$ 1.014.144.000,00	R\$ 948.895.764,71	R\$ 18.247.995,48	
2015	22.069	R\$ 90.870.294,12	R\$ 1.412.384.000,00	R\$ 1.321.513.705,88	R\$ 25.413.725,11	
2016	23.102	R\$ 95.126.294,12	R\$ 1.478.534.400,00	R\$ 1.383.408.105,88	R\$ 26.604.002,04	
2017	28.263	R\$ 116.375.000,00	R\$ 1.808.800.000,00	R\$ 1.692.425.000,00	R\$ 32.546.634,62	
2010 - 2017	134.889	R\$ 555.423.647,06	R\$ 8.632.870.400,00	R\$ 8.077.446.752,94	R\$ 22.190.787,78	

Fonte: Elaboração MC2R Inteligência Estratégica com base em informações da Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro

O crack, apesar de ter volume menor que a maconha, é a segunda mercadoria que mais lucro gera para os narcotraficantes. De 2010 a 2017 foi responsável por um lucro de R\$ 379,5 milhões, ou R\$ 149,0 mil por dia. Nesse período circularam no estado próximo de 19 toneladas da droga, um derivado da cocaína.

Apesar do baixo volume (em toneladas), o crack tem efeito mais grave, pois vicia entre a quarta e a sexta vez que é utilizado. Seus efeitos surgem em cerca de seis segundos após o uso. A droga gerou um epidemia no Rio de Janeiro, onde as crackolândias se espalham por toda



a cidade, assim como os casos de roubos, furtos e outros crimes, usados como fonte de financiamento pelos dependentes, quando não possuem mais pertences de valor para trocar pela droga.

Crack - Massa circulando (volume e valor - R\$ 1)								
Ano	(kg)	Custo anual		Retorno anual do Produto final		Lucro anual do produto final		Lucro semanal
2010	2.736	R\$	27.360.000,00	R\$	82.080.000,00	R\$	54.720.000,00	R\$ 1.052.307,69
2011	1.967	R\$	19.665.000,00	R\$	58.995.000,00	R\$	39.330.000,00	R\$ 756.346,15
2012	2.546	R\$	25.460.000,00	R\$	76.380.000,00	R\$	50.920.000,00	R\$ 979.230,77
2013	1.758	R\$	17.575.000,00	R\$	52.725.000,00	R\$	35.150.000,00	R\$ 675.961,54
2014	2.651	R\$	26.505.000,00	R\$	79.515.000,00	R\$	53.010.000,00	R\$ 1.019.423,08
2015	2.831	R\$	28.310.000,00	R\$	84.930.000,00	R\$	56.620.000,00	R\$ 1.088.846,15
2016	2.257	R\$	22.572.000,00	R\$	67.716.000,00	R\$	45.144.000,00	R\$ 868.153,85
2017	2.230	R\$	22.303.930,35	R\$	66.911.791,05	R\$	44.607.860,70	R\$ 857.843,48
2010 - 2016	18.975	R\$	189.750.930,35	R\$	569.252.791,05	R\$	379.501.860,70	R\$ 1.042.587,53

Fonte: Elaboração MC2R Inteligência Estratégica com base em informações da Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro

A maconha, por seu baixo preço, é a droga que gerou menor lucro aos narcotraficantes, apesar de responder por mais de 98% do volume das drogas em circulação no estado. Entre 2010 e 2017 o lucro da comercialização da droga ficou próximo de R\$ 32,0 milhões, o equivalente a R\$ 12,5 mil por dia. Neste período estima-se que o volume em circulação no estado tenha sido de 1.065 toneladas. Porta de entrada para drogas mais pesadas, a maconha tem seu combate dificultado por campanhas pela legalização do porte e uso. Essas campanhas incluem personalidades políticas, artísticas e do campo social. São realizadas grandes passeatas em defesa da legalização, mas não são considerados fatores como a violência envolvida no mercado, como a guerra por pontos de venda, por territórios e os problemas sociais causados pelo vício. Apesar dos discursos, não existe baixa letalidade em drogas, ilícitas ou lícitas.

Maconha - Massa circulando (volume e valor - R\$ 1)								
Ano	(kg)	Custo anual		Retorno anual do Produto final		Lucro anual do produto final		Lucro semanal
2010	169.568	R\$	5.765.312,00	R\$	10.852.352,00	R\$	5.087.040,00	R\$ 97.827,69
2011	98.353	R\$	3.343.995,20	R\$	6.294.579,20	R\$	2.950.584,00	R\$ 56.742,00
2012	51.038	R\$	1.735.305,60	R\$	3.266.457,60	R\$	1.531.152,00	R\$ 29.445,23
2013	70.678	R\$	2.403.038,40	R\$	4.523.366,40	R\$	2.120.328,00	R\$ 40.775,54
2014	142.766	R\$	4.854.057,60	R\$	9.137.049,60	R\$	4.282.992,00	R\$ 82.365,23
2015	216.472	R\$	7.360.054,80	R\$	13.854.220,80	R\$	6.494.166,00	R\$ 124.887,81
2016	159.289	R\$	5.415.832,80	R\$	10.194.508,80	R\$	4.778.676,00	R\$ 91.897,62
2017	156.798	R\$	5.331.123,16	R\$	10.035.055,36	R\$	4.703.932,20	R\$ 90.460,23
2010 - 2017	1.064.962	R\$	36.208.719,56	R\$	68.157.589,76	R\$	31.948.870,20	R\$ 87.771,62

Fonte: Elaboração MC2R Inteligência Estratégica com base em informações da Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro

É difícil combater a indústria das drogas porque o mercado é altamente lucrativo. O lucro obtido pelos narcotraficantes em 2017, mesmo com as constantes guerras por território e perda de mercadorias apreendidas pela polícia, foi superior a 1.200% em relação ao custo,



incluindo a compra da matéria-prima, a industrialização e a comercialização. No acumulado de 2010 a 2017 o lucro foi superior a 1.000%.

Cocaína, maconha e crack - Massa circulando (volume e valor - R\$ 1)									
Ano	(kg)	Custo anual		Retorno anual do Produto final	Lucro anual do produto final	Lucro semanal			
2010	181.396	R\$	70.560.900,24	R\$	674.788.352,00	R\$	604.227.451,76	R\$	11.619.758,69
2011	108.898	R\$	58.332.230,49	R\$	614.313.579,20	R\$	555.981.348,71	R\$	10.691.949,01
2012	66.219	R\$	79.221.776,19	R\$	888.286.457,60	R\$	809.064.681,41	R\$	15.558.936,18
2013	87.740	R\$	82.996.567,81	R\$	1.036.736.366,40	R\$	953.739.798,59	R\$	18.341.149,97
2014	161.263	R\$	96.607.292,89	R\$	1.102.796.049,60	R\$	1.006.188.756,71	R\$	19.349.783,78
2015	241.372	R\$	126.540.348,92	R\$	1.511.168.220,80	R\$	1.384.627.871,88	R\$	26.627.459,07
2016	184.649	R\$	123.114.126,92	R\$	1.556.444.908,80	R\$	1.433.330.781,88	R\$	27.564.053,50
2017	187.291	R\$	144.010.053,51	R\$	1.885.746.846,42	R\$	1.741.736.792,91	R\$	33.494.938,33
2010 - 2017	1.218.826	R\$	781.383.296,97	R\$	9.270.280.780,82	R\$	8.488.897.483,85	R\$	23.321.146,93

Fonte: Elaboração MC2R Inteligência Estratégica com base em informações da Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro

Em 2017 a soma do lucro obtido com o tráfico de drogas (R\$ 1,742 bilhão), do roubo de cargas (R\$ 838 milhões) e do controle territorial (R\$ 400 milhões) totalizou para o narcotráfico R\$ 2,98 bilhões.

Além do valor da indústria das drogas, é importante considerar o valor do arsenal do narcotráfico. Vejamos inicialmente o tamanho do arsenal apreendido entre 2010 e 2017. Foram 63.725 armas de fogo, média de uma a cada 1h05m. Desse total 28.165 revólveres, 23.006 pistolas, 5.953 espingardas, 2.404 fuzis, 1.146 garruchas, 829 de fabricação caseira, 721 carabinas, 437 metralhadoras, 360 submetralhadoras, 91 garruchões e 614 modelos não identificados, classificados como "outros".

Além dos armamentos, entre 2012 e 2017 foram apreendidos 6.146 materiais explosivos, sendo 3.287 granadas, 1.290 bombas de fabricação caseira, 1.066 materiais explosivos, 118 armadilhas explosivas, 62 materiais bélicos explosivos, 14 armadilhas incendiárias e 309 tipos de artefatos explosivos não identificados.

Apesar desse grande arsenal apreendido, a partir de informações das forças de segurança e análises das ações cometidas por grupos armados nas diversas regiões do estado, estima-se que os narcotraficantes tenham em seu poder cerca de 204 mil armas. Seriam pelo menos 93 mil revólveres, 76 mil pistolas, 19 mil espingardas, 8 mil fuzis, 3 mil armas de fabricação caseira de grosso calibre, 2.400 carabinas, 1.500 metralhadoras e 1.200 submetralhadoras.



Considerando o valor de uma arma no mercado negro (um fuzil sai por até R\$ 50 mil, uma metralhadora por R\$ 30 mil, uma submetralhadora por R\$ 15 mil, uma carabina R\$ 10 mil, uma espingarda R\$ 1 mil, uma pistola R\$ 500 e um revólver R\$ 300), além daquelas de fabricação caseira, o arsenal do tráfico pode valer até R\$ 568,5 milhões.

Tão preocupante quanto o número de armas com o narcotráfico é a descoberta de que estão instalando em seus territórios, com o apoio de armeiros - muitas vezes ex-militares -, oficinas para a construção, reparo e manutenção de armas de grosso calibre. Com equipamentos de última geração, essas oficinas podem fazer com que o narcotráfico passe a produzir seu próprio arsenal, reduzindo a dependência do tráfico de armas, o que pode aumentar seu poder de fogo.

Considerando os valores da indústria das drogas com o valor estimado de seu arsenal, verifica-se que esse chega, em valores de 2017, a R\$ 3,55 bilhões. Isso significa que o narcotráfico possui uma movimentação de capital e um patrimônio em forma de arsenal que representam 5,61% da receita prevista do estado do Rio de Janeiro em 2018.

Toda essa indústria é abastecida por uma série de rotas que, embora conhecidas pelas forças de segurança, são pouco protegidas. A maior parte das drogas que chegam ao estado do Rio de Janeiro, em especial à Região Metropolitana, usam a BR 116 (Presidente Dutra), a BR 101 Sul (Rio - Santos), a BR 040 (Washington Luiz) e a BR 101 Norte (Rio - Espírito Santo). A cocaína e as armas entram no Brasil via Paraná e Mato Grosso, principalmente, vindas da Colômbia, Bolívia e do Paraguai, seguem por São Paulo e chegam ao Rio pela BR 116. Essa é a principal rota da cocaína e de armas. Uma nova rota que está ganhando força utiliza a BR 101 Sul, a Rio-Santos. Já para a maconha, vem ganhando força as rotas pela Washington Luiz e a BR 101 Norte, por terem menor fiscalização. Em menor volume, mas ganhando força devido à ausência de policiamento está a BR 116 Norte (Rio - Teresópolis) e a BR 356 em Itaperuna, onde as drogas acessam rodovias estaduais, onde não há policiamento. Todas essas rodovias acessam Minas Gerais. Já a BR 101 Norte acessa o Espírito Santo por Campos dos Goytacazes, região onde o policiamento também é bastante frágil.



Outra rota muito importante e pouco controlada é a marítima, em especial pela Baía da Guanabara, com as drogas sendo desembarcadas principalmente no Porto do Rio de Janeiro ou em ancoradouros clandestinos na baía. Também são usados outros portos e pequenos cais ao longo da costa. Em dezembro de 2017 um total de 660 quilos de cocaína foram apreendidos no Porto do Rio de Janeiro e em uma embarcação na Baía da Guanabara.

Segundo um estudo do Departamento de Estado dos Estados Unidos sobre as estratégias internacionais de controle de narcóticos, o Brasil é o segundo maior consumidor de cocaína no mundo e um dos maiores consumidores de produtos derivados da cocaína, como o crack. Segundo o documento, a falta de um controle de fronteiras transforma o Brasil em um dos principais centros distribuidores de drogas do mundo, sendo citado como rota para todos os países com os quais faz fronteira, com destaque para Bolívia, Colômbia, Venezuela e Peru. Rio de Janeiro, depois de São Paulo, é o estado que integra a rota das drogas da América do Sul para a Europa e a África, em especial devido à fragilidade da fiscalização dos portos e da linha marítima na proximidade da costa.

Para solucionar esse problema a saída é a implantação de um sistema de controle nas rotas usadas pelo narcotráfico, nos principais acessos ao estado. Implantado, esse sistema de vigilância garantirá que as principais vias de entrada de saída de drogas do estado sejam integralmente vigiadas, através da ação conjunta da Polícia Rodoviária Federal, do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), das secretarias estaduais de Segurança Pública, Fazenda e Saúde. Nos pontos localizados nos portos e aeroportos o sistema será controlado pela Polícia Federal.

Os postos de controle seriam dotados de Centros Integrados de Comando e Controle com acesso às imagens das câmeras de monitoramento das rodovias cedidas pelas concessionárias e teriam escâneres para fiscalizar as cargas e veículos em geral. Dessa forma, seriam um instrumento de combate ao tráfico de drogas e armas e ao contrabando pela PRF. Seriam ainda integrados por estrutura de pesagem rodoviária para combater a evasão fiscal que ocorre através do sobrepeso dos caminhões (o que causa grandes danos ao pavimento). As secretarias estaduais de Saúde e de Fazenda atuariam em conjunto com barreiras fiscais e

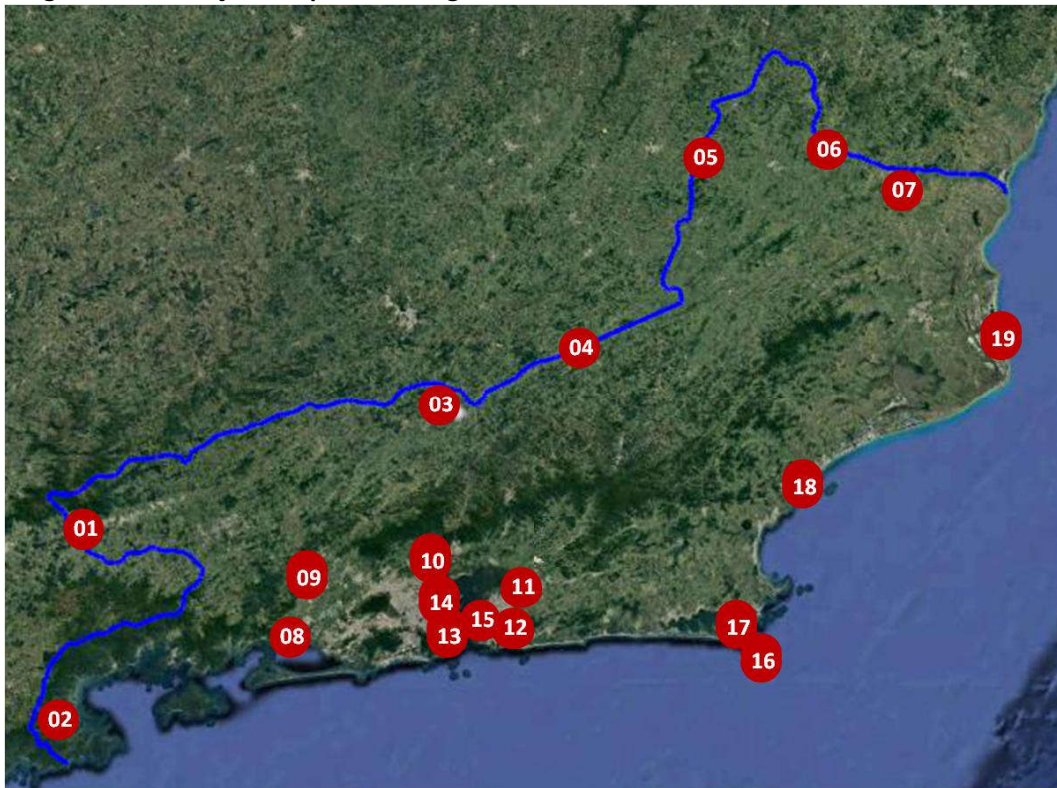


fitossanitárias. A secretaria de Segurança atuaria com o Batalhão de Policiamento Rodoviário para fiscalizar as estradas vicinais.

Para garantir a efetividade, os postos seriam localizados nas fronteiras rodoviárias federais, formando um arco de segurança no estado. Haveria ainda um sistema de redundância na Região Metropolitana, para os casos de veículos que, utilizando vias alternativas, escapassem da vigilância na fronteira. Esse modelo de duplo arco permitiria fiscalizar até 90% dos veículos que, vindo de outros estados, acessam a Região Metropolitana.

Além do combate ao tráfico de drogas e ao contrabando de armas e mercadorias, o sistema permitiria o combate à sonegação de ICMS, seja em mercadorias não declaradas, seja do transporte interestadual. Destaca-se que, de acordo com o Plano Nacional Estratégico de Pesagem Veicular, do DNIT, 77% dos caminhões trafegam nas rodovias federais com sobrepeso por eixo, indicativo claro de carga não declarada e sonegação, além da ocultação de drogas, armas e mercadorias.

Imagem 1. Localização dos postos de vigilância



Fonte: Elaboração MC2R Inteligência Estratégica



Localização dos postos de controle	
Pontos	Local
1	BR 116 Norte (divisa com São Paulo - Resende)
2	BR 101 Sul (divisa com São Paulo - Paraty)
3	BR 040 / BR 393 (divisa com Minas Gerais - Três Rios)
4	BR 116 Norte / BR 393 (divisa com Minas Gerais - Sapucaia)
5	BR 356 (divisa com Minas Gerais - Itaperuna)
6	BR 393 (divisa com o Espírito Santo - Bom Jesus do Itabapoana)
7	BR 101 Norte (divisa com o Espírito Santo - Campos dos Goytacazes)
8	BR 101 Sul / Arco Metropolitano (Itaguaí)
9	BR 116 Norte / Arco Metropolitano (Seropédica)
10	BR 040 / Arco Metropolitano (Duque de Caxias)
11	BR 101 Norte / Arco Metropolitano (São Gonçalo)
12	RJ 106 (Niterói)
13	Porto do Rio de Janeiro
14	Aeroporto do Rio de Janeiro
15	Porto de Niterói
16	Porto de Arraial do Cabo
17	Aeroporto de Cabo Frio
18	Porto de Macaé
19	Porto do Açú (São João da Barra)

Fonte: Elaboração MC2R Inteligência Estratégica

A implantação do sistema nos aeroportos internacionais do estado (Galeão e Cabo Frio) e nos portos, onde seria coordenado pela Polícia Federal, criaria um sistema que reduziria em muito as fragilidades das fronteiras terrestres, aéreas e marítimas do estado do Rio de Janeiro.

CONCLUSÃO

Em 2017 a soma do lucro obtido pelo narcotráfico no estado do Rio de Janeiro com o tráfico de drogas (R\$ 1,742 bilhão), o roubo de cargas (R\$ 838 milhões) e o controle territorial (R\$ 400 milhões) totalizou R\$ 2,98 bilhões. Somando o valor do arsenal estimado em 204 mil armas, o valor da indústria das drogas em 2017 chegou a R\$ 3,55 bilhões, o que representa 5,61% da receita prevista do estado do Rio de Janeiro para 2018.

Para combater o narcotráfico e seu enorme poder de fogo, é importante cortar suas rotas de suprimento. Considerando que o Brasil não consegue controlar as fronteiras terrestres nacionais, o estado do Rio de Janeiro precisa atuar para controlar as suas fronteiras e, internamente, os limites da Região Metropolitana. Dessa forma seria possível reduzir o grande volume de drogas e armas que entram no estado e abastecem o narcotráfico, atualmente mais próximo de grupos paramilitares, que adotam práticas terroristas para manter o controle sobre grandes parcelas do território e da população do estado do Rio de Janeiro.



BIBLIOGRAFIA

Departamento de Estado dos Estados Unidos da América

Departamento de Polícia Federal

Departamento de Polícia Rodoviária Federal

Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime

Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro

Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro

Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas do Ministério da Justiça

Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça